

MULHERES EM GRAVATÁ: IDENTIDADE, CULTURA E CIDADANIA EM CONSTRUÇÃO

Élcia de Torres Bandeira *

Discutir questões como cultura, identidade e cidadania implica em transitar da esfera teórica para a da prática social. A partir do indivíduo é mister encontrar vias de mão dupla com a comunidade e centrar a atuação no campo do fazer histórico para se evitar que a retórica se divorcie da realidade do objeto a ser pesquisado e analisado.

No que tange ao universo feminino, as áreas rurais ainda representam um foco de resistência à aceitação da bandeira das relações equânimes de gênero, que venham a nivelar os direitos entre sexos. Certas tradições de uma sociedade patriarcal e paternalista ainda sobrevivem no século XXI, demonstrando o testamento deixado pelo nosso passado colonial. Os homens em Gravatá ainda dominam os universos público e privado, embora as mulheres estejam abrindo seus próprios caminhos alternativos, o que revela uma transmutação de valores e de relações sociais já em curso; curso este de um rio que ainda lento rompe seu próprio leito e estabelece novas margens para as mulheres que ousam desafiar a rotina e a acomodação tradicionais. Buscando facilitar o redimensionamento das visões femininas de mundo, ONGs, Estado e a própria comunidade, acima de tudo, têm demonstrado interesse em agir coletivamente, juntando esforços em unir fragmentos e compor novos quadros sociais nos quais se apresente as mulheres do município não mais como meras figuras coadjuvantes, mas como partes relevantes do cenário e das ações principais.

Um grupo de trinta mulheres vem interagindo socialmente em Gravatá, agreste de Pernambuco, através do Projeto Vida Verde, em busca de ações cidadãs que lhes permitam identificarem-se e construir elos com a coletividade, extrapolando assim os estreitos limites do lar, aos quais estiveram aprisionadas ao longo de suas existências. A preocupação com as relações de gênero, no âmago de uma cidade interiorana, referenda a proposta do Projeto de estabelecer liberdades de escolhas para mulheres situadas em uma baixa faixa de poder aquisitivo que ainda vivem recolhidas ao ambiente familiar. Semanalmente, o grupo se reúne para discutir procedimentos de saúde preventiva incluindo o equilíbrio físico e psicológico que se procura atingir através de aulas práticas de higiene, alimentação alternativa, fitoterapia, hatha yoga, reconhecimento e cuidados com o corpo, além de atividades lúdicas e artesanais que visam ao relaxamento das tensões cotidianas e à identificação e valorização, na cultura local, das vivências cotidianas do grupo.

Essas atividades coletivas com a comunidade feminina do Jucá, intermediadas pelo Instituto João Evangelista, entidade civil de natureza privada sem fins lucrativos, fundada em 1942 no Recife, por Helena Moreira Valente, têm favorecido o diagnóstico e a solução de problemas cotidianos, agravados pela pobreza em que vivem as mulheres atendidas pelo programa e atingidas pelo meio físico do semi-árido nordestino. Procurando minimizar carências nutricionais de mulheres e crianças, este projeto tem estimulado a saúde pela natureza e a alimentação alternativa, bem como vem procurando descobrir talentos, aumentando assim a auto-estima e as realizações pessoal e transpessoal que favorecem sobremaneira o equilíbrio das funções psíquicas e físicas de cada uma das mulheres participantes do programa. Educação e saúde se articulam na composição do ser enquanto

* UFRPE
Mestra em História

mulher quando são produtos da conscientização e mobilização dos indivíduos e da coletividade na conquista de direitos que lhes são inalienáveis.

Considerando tratar-se de um município inserido no agreste de Pernambuco, Gravatá apresenta sérios problemas sociais concernentes à população de baixa renda que demanda maior atenção dos poderes públicos e da iniciativa privada no sentido de minimizar os efeitos da pobreza que atinge boa parcela da população residente no município. A falta de saneamento básico e de providências eficientes quanto à saúde preventiva tem referendado os elevados índices de enfermidades que poderiam ser evitadas mediante ações simples de planejamento e educação familiar.

A carência nutricional tem provocado alta incidência de verminoses, doenças respiratórias e baixo crescimento nas crianças que não acompanham o desenvolvimento esperado para a faixa etária em que se encontram. Por outro lado, a gravidez precoce e a precariedade alimentar reduzem a prática do aleitamento materno aumentando os riscos sociais de doenças tais como a desnutrição. Receitas utilizando talos, sementes, cascas de frutas, legumes e raízes tem proporcionado melhor rendimento nutricional e qualidade de vida para a população de baixa renda, aumentando a reciclagem de alimentos e reduzindo o desperdício proveniente do desconhecimento da população em geral. As meninas-mulheres que passam a ter vida sexual ativa na transição da infância para a adolescência geralmente estão despreparadas para assumirem a maternidade plenamente pois ainda estão ligadas às suas raízes infantis. Corpo desperto para novas funções; mentes e afetividades ainda distanciadas da maturidade requerida pela geração prematura de um outro ser.

O Projeto Vida Verde, desenvolvido pelo Instituto João Evangelista em parceria com a Prefeitura Municipal de Gravatá, tem propiciado a interlocução com famílias da área do Jucá e adjacências, bairro que concentra parte da população carente do município. Além do atendimento às crianças na faixa etária de 03 a 05 anos na Creche Maria Regueira dos Santos, onde se desenvolve uma proposta de alfabetização e melhoria nas condições de saúde e sociabilidade, as famílias cadastradas no programa são atendidas semanalmente por uma equipe de profissionais das áreas de educação e de saúde, contando ainda com a colaboração de voluntários que se revezam no treinamento e facilitação de atividades físicas, lúdicas, artísticas, ou mesmos em aulas teóricas e práticas no que se refere ao cuidado com a preservação do meio ambiente, ao cultivo e uso de fitoterápicos na atenção à saúde, por se tratar de tratamento coadjuvante de baixo custo e de fácil acesso, procedimentos estes que contribuem para a consolidação das raízes culturais locais.

As famílias atendidas pelo programa são parte integrante de uma proposta de ampliação da cidadania e dos direitos humanos que priorizam a satisfação pessoal e a interação grupal, seja este grupo constituído por uma família, pela escola, pela comunidade do bairro, do município, sempre percebido como fragmento de um todo muito maior em constante ebulição.

Durante o período de 1997 a 2000, a Instituição associou-se ao Projeto Saúde Rural desenvolvido no Governo Arraes pela Cruzada de Ação Social, sob a presidência da primeira dama do estado, Sra. Magdalena Fiúza Arraes de Alencar, fundando o Centro de Treinamento Helena Moreira Valente, dentro do qual funcionava a oficina fitoterápica, contando com horta de ervas medicinais e laboratório de manipulação de medicação alternativa. A aceitação pela população e especialmente por um grupo de profissionais de saúde, incluindo médicos, enfermeiros, agentes de saúde e líderes comunitários foi extraordinária. Treinamentos foram oferecidos para estes profissionais com o apoio das prefeituras de Gravatá, São Caetano, Bezerros e Chã Grande. O projeto atendia paralelamente às escolas destes municípios e de Caruaru com aulas práticas para alunos dos ensinos médio e fundamental. Contudo a inexistência de uma legislação flexível que atenda a esta área ainda incipiente de produção de fitoterápicos em pequena escala e a deficiência de recursos

financeiros para as reformas demandadas pela legislação em vigor na época levaram ao fechamento do laboratório e à manutenção apenas do treinamento como ação básica de cidadania na saúde familiar e na preservação ambiental.

Diante da lacuna social que se estabelecera no contato com a população e no seu atendimento na área de saúde, decidiu a Instituição investir nas mulheres, maiores difusoras dos conhecimentos no meio doméstico e parte integrante do meio social mais amplo, como veiculadoras de uma nova concepção de vida, trabalho e ação social que promovesse a mudança sistemática de hábitos nocivos à saúde familiar. Saúde deve ser compreendida como ciência e consciência que articula a sabedoria popular com o saber reificado como dominante no meio acadêmico no Brasil; demanda do indivíduo e do grupo uma interatividade pessoal e transpessoal na produção de hábitos salutareos que proporcionem uma revisão na abordagem do mundo e uma inserção social maior, levando-se em conta também a realização pessoal, psíquica das mulheres como mulheres e não apenas como mães e esposas o que elimina obrigatoriamente a exclusão social das que não exercem nenhum destes papéis já mencionados.

Considerando estas normativas, a ação com o grupo de mulheres e crianças em Gravatá procura estabelecer elos afetivos e o reconhecimento dos papéis dos indivíduos e do grupo e sua interação com a comunidade em geral. Por este motivo, na saúde reprodutiva, priorizou-se, no ano de 2005, o reconhecimento da sexualidade, do próprio corpo como parte indissociável do todo que compõe o indivíduo em sua experiência vital no plano das formas densamente condensadas. Exames preventivos e o planejamento familiar foram apresentados como direitos adquiridos. A abordagem das principais IST, e da AIDS especificamente, apontou a seriedade do problema através de palestras nas quais foram apresentados os fatores de risco, os sinais e sintomas, onde e como buscar o tratamento e a prevenção como melhor caminho. Foram utilizados vídeos educativos, cartazes, textos e objetos como recursos didáticos. Desta maneira, as mulheres aprenderam a se defender e aos seus familiares usando o sexo de forma segura e tomando as devidas precauções quanto aos tratamentos necessários em casos de doenças já adquiridas.

Outro tema básico de fundamental importância para a preservação do meio ambiente e da saúde foi a água, sua utilização racional e as doenças por ela veiculadas tais como cólera e dengue. Uma vez que a população do semi-árido nordestino lida constantemente com problemas graves como a carência de recursos hídricos provocada pelos baixos índices pluviométricos alcançados na região, a água torna-se elemento vital no cotidiano dessas pessoas que precisam aprender a usá-la com moderação, porém com frequência na higiene pessoal e coletiva como agente indispensável na saúde preventiva.

Estando a Instituição inserida em área rural, contando com uma vasta área verde, aulas práticas foram utilizadas dentro de uma metodologia que privilegiou a interação ambiental e a sociabilidade grupal. Foram realizadas visitas à horta, ao pomar com o contato direto com a terra e a observação sistemática das condições do açude da Instituição em períodos alternados de inverno, quando se constata a exuberância da vegetação nativa do agreste e de água acumulada na bacia graças às chuvas, que, apesar de inconstantes, se precipitam ocasionando profundas mudanças nos ecossistemas e na vida da comunidade que delas se beneficiam, e de verão, quando a seca provoca rachaduras no fundo do açude e na vida das pessoas que dependem dos mananciais e reservas existentes. Rachaduras que demarcam a vida dura exposta ao sol, que antecipam os sinais da idade e sinalizam para as inúmeras experiências vividas. Mulheres e crianças participam ativamente das atividades propostas o que resulta em uma maior percepção e preocupação com o meio que as circunda.

A aridez do clima no verão gera problemas na produção agrícola que não consegue subsistir exceto em áreas onde se implantam sistemas alternativos de irrigação. Seca, fome, miséria, enfermidades se estabelecem como elementos do cenário e as pessoas estão

subordinadas a papéis pré-escritos onde não havendo tecnologia a serviço da comunidade e recursos financeiros disponíveis, a peça em cartaz – a vida, continua sendo uma luta na arte de fazer diferente a cada dia.

A metodologia proposta pelo projeto incorpora linguagens alternativas. Atividades lúdicas como teatro de fantoches, música (como Planeta Água, de Guilherme Arantes), dança e expressão corporal foram instrumentos facilitadores da aprendizagem que motivaram a interatividade do grupo. Estas dinâmicas de grupo promoveram a socialização das relações e também foram utilizadas na abordagem de temas como discriminação e exclusão social. O convívio com as diferenças e limitações individuais foi estimulado buscando o respeito à alteridade do outro nos aspectos físicos, psíquicos, afetivos e culturais assim como a manutenção da ética como prática cotidiana. As relações de gênero no contexto familiar e social foram trabalhadas de maneira a promover o reconhecimento dos sujeitos sociais envolvidos e a valorização das identidades, sensibilizando-as para minimizarem conflitos como os de idade e sexo. Como já apontou Margareth Rago:

Se a receptividade atual ao feminino pode ser considerada resultante da invasão do mundo público pelas mulheres, ou melhor, pela dissolução das fronteiras simbólicas construídas entre público e privado, das pressões do feminismo e da diminuição do medo que causava, assim como da mudança da própria consciência do gênero das mulheres, pode-se notar que se deve ainda, em parte, à própria falência dos modos masculinos de organizar e gerir a vida social, num mundo marcado pela violência, pela desagregação social, pela atomização do indivíduo e por uma profunda crise de sociabilidade, incluindo-se as de gênero. (RAGO, 2004:37)

No âmbito cultural, os valores coletivos foram enfatizados na análise de representações simbólicas da cultura local e internacional. Nas festividades juninas, houve leituras de versos, danças, batizado na fogueira; utilizaram-se simpatias como parte do imaginário popular, culinária junina com comidas típicas produzidas pelo grupo e o ato de compartilhar com o outro o produto do seu trabalho. Lembrando Agnes Heller, “o decurso da história é o processo de construção dos valores, ou da degenerescência e ocaso desse ou daquele valor” (HELLER, s/d:4). Pretendia-se criar novos valores ao se perceber o cotidiano do município como parte integrante da cultura, do participar fazendo, criando, inovando, fazendo releituras de outras contribuições culturais. Vídeos infantis foram trabalhados para despertar a necessidade da divisão de tarefas de forma igualitária entre os sexos. Neste sentido, foi muito estimulante o desenho-animado “Branca de Neve”, cujas imagens foram relidas dentro do contexto das relações de gênero e de idade. Destacou-se o papel servil de Branca de Neve em limpar e arrumar a casa dos sete anões, que eram todos homens adultos e tinham por obrigação manter o ambiente que eles próprios usaram e sujaram. Questionou-se a “obrigação” da mulher de ser a única a preservar o ambiente familiar e caber aos homens a participação social no trabalho externo, único geralmente valorizado em sociedades tradicionais como Gravatá. Discutiu-se também a necessidade de se respeitar o horário escolar das crianças, mas de fazê-las entenderem também que precisam respeitar o ambiente doméstico, de forma a ajudarem na manutenção da saúde e da plena satisfação de todos os habitantes da casa. De forma lúdica, direitos e deveres de mulheres e crianças foram abordados e construídos pelo grupo de mulheres e crianças participantes do projeto. Chegou-se ao consenso que o trabalho rende mais e liberta quando feito em equipe. Liberta para outras atividades que demandam tempo e podem ser feitas pelas mulheres fora do lar, não apenas como veículo de elevação da renda familiar, mas, principalmente, como meio de se alcançar a plena realização pessoal através da valorização da sua capacidade produtiva e criativa.

As noções de cidadania foram paulatinamente sendo ampliadas com as experiências do grupo ao longo do ano e propiciaram uma prática diferenciada nas relações sociais, na convivência com familiares e vizinhos, no partilhar os conhecimentos adquiridos pelo grupo. Se no passado ainda não muito distante, como atesta o Manual do Clube da Mulher do Campo de 1968, as atribuições femininas se restringiam às responsabilidades de uma dona de casa cuidadora :

- a) cuidar da sua própria saúde e do seu bem-estar; repousar suficientemente à noite; alimentar-se regularmente; procurar o médico tão logo não se sintam bem;
- b) tomar cuidados especiais (procurar serviços assistenciais, repousar e alimentar-se adequadamente) quando estiver gestante ou alimentando ao seio o seu filho;
- c) acostumar suas crianças a ajudarem nas tarefas domésticas;
- d) saber a maneira correta de executar as tarefas domésticas a fim de evitar cansaço e perda de tempo;
- e) dispor o seu trabalho de maneira a lhe permitir tempo para cuidar de si própria e de participar de reuniões sociais, dos movimentos do seu clube etc;
- f) estar consciente que limpeza é importante-na casa, na manipulação de alimentos, nos cuidados como o vestuário, enfim em tudo que se relaciona com o bem-estar da família (1968:21-22).

Hoje, as mulheres adquiriram consciência de sua amplitude como ser individual e coletivo e extrapolam os limites estreitos do lar e das responsabilidades domésticas. A própria inserção maior no mercado de trabalho como decorrência da modernidade atrelada ao processo de industrialização que se inicia no Brasil no século XIX e só se consolida no século XX foi uma conquista árdua, lenta e gradual que promoveu a expansão dos horizontes femininos. Vale salientar que o Clube da Mulher do Campo começou, no Brasil, em Recife, e estava associado ao clube internacional *Associated Country Women of the World*, com sede em Londres.

Este grupo de trinta mulheres de Gravatá está circunscrito a pessoas da comunidade que não trabalham fora do lar, mas que sentem a necessidade de buscarem formas alternativas de realização ampliando seus conhecimentos e interagindo socialmente com pessoas que possuem um modo de vida semelhante.

Também enquanto indivíduo, é o homem um ser genérico, já que é produto e expressão de suas relações sociais, herdeiro e preservador do desenvolvimento humano; mas o representante do humano-genérico não é jamais um homem sozinho, mas sempre a integração (tribo, demos, estamento, classe, nação, humanidade) - bem como, freqüentemente, várias integrações - cuja parte consciente é o homem e na qual se forma sua “consciência de nós” (HELLER, s/d:21).

Nesta citação de Heller, o homem ainda é caracterizado como representante do “gênero humano” e a mulher continua como costela de Adão como no Gênesis, livro introdutório da Bíblia cristã. Formação cultural ainda constituída sob a égide do patriarcalismo, esta visão simbólica do paraíso terrestre reifica a função protetora do homem sobre a mulher. A costela fica sob o braço de Adão. Dominada pelo elemento provedor da sua própria existência, a mulher passa a assumir papéis subalternos e tende a viver sob a tutela de múltiplos Adãos: pai, irmãos, marido, filhos, patrões entre outros, que até recentemente “administraram” a vida das Evas em diversas partes do mundo e em tempos históricos muitas vezes distanciados. Porém estas mulheres têm identidade própria, vontades, desejos e estão

em busca de um espaço na sociedade ainda dominada pelo gênero masculino. As faces de Eva foram reveladas com muita luta e empenho para que se conquistasse a equidade de direitos e de expressão. Identificar cada uma delas e garantir sua plena realização é apenas uma questão de tempo. Vencer símbolos distorcidos e paradigmas excludentes torna-se uma batalha constante entre os sexos que poderiam viver harmonicamente, se não se caísse na falácia da supremacia de um sobre o outro. Esta formação cultural ainda resiste ao tempo e persiste transformada em regiões interioranas como Gravatá. Mas as mulheres que participam do programa já não aceitam mais passivamente as imposições do gênero masculino e procuram fazer valer suas próprias percepções de mundo.

A descoberta de habilidades e competências em atividades coletivas na produção artesanal tem contribuído para o estabelecimento de um nível de satisfação pessoal mais elevado e promovido um bem-estar coletivo que favorece o equilíbrio emocional e a redução das tensões cotidianas. A saúde psíquica é uma conquista. Cada experiência em atividades lúdicas tais como dança e artesanato (pintura em tecido utilizando sal, pintura em tela, aplicação de mariandes em toalhas, confecção de artigos em fuxico como bolsas, tiaras, cestas de pão, descansa-prato, bonecas, barras para toalhas, produção de pratos decorados em craquelê com fotos e outras imagens, artigos em crochê e confecção de roupas) desenvolvidas, em 2005, pelo grupo de mulheres teve como objetivos a sensibilização para cores e formas como recursos cromoterápicos, a descoberta de valores artísticos que possam vir a ser utilizados como instrumentos para a ampliação da renda familiar, a expansão da visão de mundo através da arte, o estímulo à criatividade e a interatividade entre a família e a sociedade. A oficina com pratos decorados com imagens das mulheres e de pessoas a elas ligadas afetivamente reforçou a necessidade de criar signos de identificação e de reconhecimento das faces individuais e grupais. Ver a si e aos outros em projeções de imagens criadas por elas próprias contribuiu para fortalecer as múltiplas e heterogêneas identidades e os elos sociais a partir da estimulação de valores afetivos. As peças produzidas foram expostas na confraternização de final de ano e serviram de incentivo à produção em escala comercial. Embora ainda não se tenha configurado a possibilidade concreta de formação de cooperativas ou de outras associações congêneres, a produção individual e a distribuição no campo social demarcam já uma grande mudança em suas vidas de donas de casa. A maioria, não dispondo de tempo e condições para se dedicar com maior compromisso à produção artesanal, prefere produzir esporadicamente.

Esta iniciativa de promover uma ação sistemática de ampliação da cidadania das mulheres em Gravatá tem demonstrado a carência que elas têm de um espaço de expressão próprio que sirva como canal veiculador de uma mudança geral de atitude e de valores sociais. A mobilização cotidiana vai depender agora dos interesses individuais e da interação grupal que o Projeto Vida Verde está favorecendo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a História*. São Paulo: Editora Paz e Terra, s/d.

RAGO, Margareth. Ser mulher no século XXI ou carta de alforria. In: VENTURI, Gustavo, RECAMAN, Marisol, OLIVEIRA, Suely (orgs). *A mulher brasileira nos espaços público e privado*. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2004.

Viva feliz no campo. Manual do Clube da Mulher do Campo. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1968

